

BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da cidade.

Porto Alegre: UFRGS, 2001. 366pp

*Cynthia Machado Campos**

Resenha

Cidade e linguagem: foi este o entrecruzamento de temas que inspirou historiadores, arquitetos, sociólogos e geógrafos a ensaiarem formas comparativas entre olhares e maneiras de pensar o urbano em diferentes espaços e temporalidades. Entre as discussões que tiveram lugar neste grupo de pesquisadores, também se tornou significativo o confronto entre possibilidades de intervenção sobre o espaço da cidade, as aproximações e afastamentos de perspectivas de projetos distintos.

Problemáticas comuns tais como quais seriam as palavras usadas por especialistas em intervenções urbanas e o levantamento de palavras que compõem a linguagem da exclusão e da estigmatização social, foi o que motivou a reunião de franceses, argentinos e brasileiros no 1o. Seminário Latino-Americano do Programa Internacional “Lês Mots de la Ville”. Este Seminário, realizado na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, teve o livro organizado por Stella Bresciani como resultado.

Ao longo das páginas desta obra é possível entrar em contato com possibilidades de abordar a temática de formas distintas, sempre referenciadas na linguagem. As palavras inspiradoras dos projetos de intervenção urbana nem sempre divergem entre si. Ao contrário, a mesma palavra por vezes se faz presente em projetos diferentes, em períodos cronológicos distintos, tendo o seu significado adquirido ou não conotações diferenciadas. Desta forma, a palavra “melhoramentos”, evocada na cidade de São Paulo em experiências de natureza desigual entre os anos de 1850 e 1950, é discutida no âmbito dos projetos estéticos delineados para intervenção no urbano¹. Neste sentido a noção de “melhoramentos” pode se aproximar tanto de concepções de progresso como de cidadania. Poderá se referir a obras públicas como estradas, calçamento de ruas, encanamento de água, rede de esgotos, iluminação pública, como também à construção da Casa de Detenção em 1845 ou do Teatro São José em 1864. Nos planos de saneamento associados às medidas de higiene pública, a palavra deixa de significar o contrário de atraso, como quando relacionada a progresso, para passar ao significado contrário daquilo que se entendia na época como “doença”.

Palavras iguais, situações distintas, tempos diversos, significados semelhantes. Entrecruzar tais possibilidades foi o que motivou o debate, que envolveu também a exclusão social. O estigma social está e esteve presente no urbano, na hierarquização dos espaços, eis o que é possível apreender destas páginas. Habitar as favelas poderia significar uma dupla segregação social: segregação pelo simples fato de estar no “lugar” favela; e segregação simbólica. Estes dois lados da exclusão social distanciam-se e aproximam-se, fundindo-se e confundindo-se. Sobretudo efetuada pela linguagem, a segregação simbólica associou a palavra “favela” a noções negativistas, restringindo o reconhecimento social dos indivíduos a separações efetuadas na esfera urbana. No imaginário social aproximam-se imagens do beco escuro, do morro, do cortiço ou da freguesia, com noções pejorativas de obscurantismo, degradação, aviltamento, baixaza, e

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

infâmia. Ao mesmo tempo outros lugares urbanos são vinculados a imagens mentais mais positivas, associadas a zonas centrais iluminadas, locais de praças arborizadas, de monumentos, de pontos comerciais ou de grandes ruas e avenidas.

As imagens que a cidade suscita evidenciam códigos culturais, que conforme Foucault, “*regem a linguagem, os esquemas perceptivos, as trocas, as técnicas, os valores, a hierarquia das práticas*”². Os esquemas classificatórios fazem parte destes códigos e se expressam nos nomes atribuído tanto aos espaços quanto aos indivíduos, agrupando-os, ordenando-os e qualificando-os. Tais ordens classificatórias inscrevem-se no registro simbólico dos indivíduos entremeadas de hierarquias que distinguem tanto os papéis individuais na ordem social, como seu valor na escala social. Valor atribuído também a certos lugares da cidade que merecem receber nomes de homens de elite e ter como moradores membros de grupos ou classes sociais mais abastados. Desta forma, as mudanças efetuadas na linguagem podem ser inscritas em circunstâncias sociais em que real e representação não se separam.

Palavras adotadas por médicos, engenheiros civis, arquitetos, urbanistas e sanitaristas nos últimos dois séculos são consideradas cruciais pelos pesquisadores para a percepção da construção simbólica das cidades. Os estudos destes especialistas se traduziram em relatórios, planos de melhoramentos e projetos urbanísticos que tenderam a tomar forma de políticas adotadas por governantes e autoridades. Médicos-sanitaristas, por exemplo, estiveram envolvidos em avaliações que atribuíram aos becos e mocambos conotações negativas³, por serem locais de proliferação de sujeira e de doenças. A troca de nomes de ruas e avenidas também é problematizada no âmbito de mudanças de ordem política, num procedimento que considera a substituição de palavras que se mantiveram em uso por longa duração, por nomes que se vinculam à instauração de novos grupos no poder e buscam sancionar novas divisões espaciais⁴. Como evidenciam Jean-Charles Depaule e Christian Topalov em um dos textos da obra, “tratando-se de espaços, de identidades coletivas ou de instituições, quando a língua designa ‘objetos’, ela os constitui, conferindo-lhes sentido. A atribuição do nome distingue e re-agrupa, ordena e qualifica”⁵.

Neste sentido, a troca de nomes de ruas poderá ser rejeitada pela população historicamente referenciada em nomes antigos. Esta rejeição advinda da mudança poderá se traduzir na elaboração de uma espécie de “mapa imaginário da cidade”. Um exemplo disto foi a população de Porto Alegre que teria ignorado certas alterações passando a guiar-se pelo mapa imaginário dos nomes anteriormente utilizados. Em circunstância distinta teria modificado por conta própria antigas denominações em razão de novas referências criadas para certos lugares, baseada em vivências novas, ligadas a práticas populares recentes.⁶

Os êxitos e fracassos das palavras para uma cidade são as preocupações de um dos artigos que trata do urbanismo como representação. Neste sentido as metáforas “polvo”, “mancha” e “metrópole” que tiveram lugar na cidade de Buenos Aires vinculadas à temporalidades distintas, tendem a ser substituídas nos dias de hoje por novas formas de pensar o urbano. A metáfora “polvo” faz alusão a uma analogia biológica da cidade, vinculada à formulação moderna da noção de “conurbação”. Assim, a imagem da cidade de São Paulo como núcleo de um conjunto formado por cidades suburbanas reunidas, como as do ABCD, teria sua imagem correspondente na cidade de Buenos Aires no início do século XX. Por sua vez, os planos urbanos dos anos 30 para Buenos Aires pretenderam alcançar uma definição precisa no traçado das ruas e avenidas, razão pela qual esbarraram na necessidade de superar a “mancha de azeite”, constituída pelo asfalto, a partir da qual a

cidade teria se expandido. A “*mancha de azeite*” “*remeteria ao amorfo, que careceria de uma estrutura reconhecível, de uma morfologia clara, de uma estruturação concreta*”.⁷ A partir dos finais dos anos 50 as interpretações que previam o desenvolvimento para Buenos Aires passaram a difundir uma imagem da cidade enquanto megalópole, que tanto poderia ser de formato raio-cêntrico quanto estar estendida ao longo de uma faixa ribeirinha.⁸ Por outro lado, a problemática atual ensaia atribuir à cidade de Buenos Aires imagens de “cidade como organização empresarial, como elemento de um sistema global ou produto auto-sustentável”⁹

A palavra urbanismo também teria sido lugar de diferentes significados no Brasil a partir dos anos 50. Um destes significados teria estado mais vinculado à vertente do urbanismo ligado à engenharia, que envolveria previsão, mediação e regulação para a intervenção pública; enquanto a outra vertente de urbanismo tratada pelos arquitetos apontaria para possibilidades de transformação radical das estruturas urbanas anteriormente existentes¹⁰.

Uma narrativa historiográfica envolve o verbete “beco” na cidade de Porto Alegre, buscando os processos de significação dos espaços urbanos através de nomes curiosos e pitorescos, de antigos personagens e práticas sociais. Através de uma série de intervenções direcionadas à modernidade e ao progresso as “palavras da cidade” foram transformadas, sendo apagadas aquelas que estivessem associadas à conotações pejorativas. Desta forma, o registro dos “becos” foi substituído por espaços qualificados, a medida em que a população aumentou, os terrenos se valorizaram e a diferenciação social se acentuou. Neste momento o léxico urbano se transforma, substituindo a natureza topográfica da designação “beco” como “rua estreita com ladeiras”, por uma conotação depreciativa, como estigma do “lugar maldito”¹¹.

A história da cidade do Recife é abordada a partir da substituição do termo “freguesia” por “perímetro” e da posterior difusão dos “distritos” no Brasil no final do século XIX. Naquele momento esteve em curso um movimento que tornou laica a vida e o governo. Este mesmo movimento mais tarde incorporou ao vocabulário urbano a noção de “zona”, associada à produção de um conhecimento especializado acerca da cidade no séc. XX. Tais palavras teriam produzido redefinição dos tradicionais conceitos de cidade e espaço urbano, desencadeando processos de estratificação e hierarquização destes lugares. Enquanto o centro da cidade cada vez mais foi relacionado ao “urbano”, delegou-se ao “rural” o espaço suburbano¹².

Pontos de vista otimistas ou pessimistas sobre o cotidiano das cidades têm sido revelados pelo imaginário urbano. Entre outras áreas a literatura também apresenta diferentes perspectivas, olhares e representações, refletindo sobre a vida cotidiana. No caso da cidade do Rio de Janeiro retratada nas obras de Machado de Assis e Lima Barreto, evidenciam-se modificações que obedecem a diferentes estilos, formas e conteúdos num padrão cultural que tende a imitar grandes centros urbanos da Europa. Machado de Assis ironiza e satiriza a hipocrisia, o cinismo, a indiferença, o individualismo e o egoísmo dos comportamentos próprios da sociedade burguesa que chama para si os atributos da “civilidade”. Em Lima Barreto o Rio de Janeiro é uma cidade compartimentada em territórios distintos. Em parte é uma cidade moderna com ricos habitantes, noutra parte é o subúrbio, depósito de personagens excluídos, despejados das regiões centrais¹³.

Novas representações foram construídas sobre as cidades brasileiras pela literatura modernista. Na obra de Mário de Andrade São Paulo torna-se cosmopolita, uma grande metrópole protagonizando a industrialização, lugar de imigrantes de diferentes partes do Brasil e do mundo, de multiplicidade de gentes e de vozes. O lugar da literatura passa a

ser o lugar da crítica e do inconformismo: no século XX as diversidades urbanas se alternarão com diferentes estilos para tratar de um mesmo tema - a violência urbana¹⁴.

Associações entre cidade e o corpo, entre aglomerados urbanos e organismos vivos: esta analogia é possível ser feita nos séculos XIX e XX. Urbanistas e médicos tendem ao uso de metáforas próprias das áreas médicas e biológicas para se referirem à ordem ou à desordem reinante nas cidades européias e brasileiras. Desta forma, metáforas como “inchamento”, “sistemas de circulação”, “artérias”, “células” e “órgãos” seriam, quando bem articulados, “sintomas” de ordem ou de “desarticulação”. Avenidas seriam “pulmões”, o tráfego seria “ossatura” que necessitaria de “descongestionamento” de seus “pontos nevrálgicos”, para impedir a “esclerose do sistema arterial”. As “terapias” ou “remédios” viriam para impedir a proliferação de “patologias” com tendências “degenerativas”. Tais “diagnósticos” poderiam identificar “cancros” ou “chagas” na cidade, “enquistamentos” urbanos, “congestões” ou “paralisias” de tráfego¹⁵.

O uso da palavra “cidade” é discutido ao longo da obra, com identificação de certos obstáculos construídos pela linguagem. Assim noções como de cidade “estática”, de cidade “coisa” ou “objeto” propõe novas formas de falar e pensar tais circunstâncias. Outros meios de se referir à cidade são identificados, como tomar um fragmento - parte histórica ou centro comercial - como se cada um pudesse configurar a totalidade da cidade. Tais concepções “reduzoras da compreensão da cidade”, ou “dualistas na maneira de falar” sobre o urbano dificultariam, conforme o autor, a compreensão da “multiplicidade sócio-material” e a “visão de processo social e de totalidade”¹⁶.

Outras palavras para a cidade de São Paulo vão se tornando visíveis através desta obra, como as metáforas do “Plano de Avenidas” do autor Prestes Maia, associado à noção de grandiosidade. O personagem Macunaíma de Mário de Andrade é sem caráter como São Paulo, que indefinida encontra-se em permanente transformação. Sem originalidade e sem definição de caráter, São Paulo é o cenário da desigualdade e da diferença e também o lugar de deglutição, da antropofagia da Semana de Arte Moderna de 1922¹⁷.

Embora as lutas caudilhistas tivessem afastado grande parte da aristocracia espanhola e transformado o Peru numa República no início do século XIX, um novo projeto urbano para a cidade de Lima delineou-se somente após a metade deste século, quando a construção de obras como a Penitenciária (1860), o Manicômio (1859), o Abatedouro Geral (1855) e o Mercado Central (1855), alternaram-se com a centralização de funções urbanas e com a pavimentação e iluminação de ruas. Estas alterações modernizadoras foram acompanhadas de regulamentações acerca da nomenclatura das ruas. Tais mudanças evidenciaram o caráter de um projeto das novas elites que significou uma nova racionalidade, agora liderada pelos filhos de espanhóis nascidos na América¹⁸.

Uma leitura das palavras da cidade tomando-as no seu aspecto de intervenção normalizadora do urbano é feita num momento em que as utopias da modernidade e a busca de modelos nacionais acentuam-se. Isto ocorreu após as revoluções nacionais nas cidades latino-americanas, quando se delinearam projetos urbanos de especialistas que recorreram, num primeiro momento, a uma racionalidade técnica. Posteriormente tais projetos enfatizaram necessidades de educar as populações urbanas e configurar uma arquitetura de caráter nacional, com estilo original¹⁹.

As palavras tendem também a homogeneizar visões sobre as cidades, possíveis através de um processo de colonização lingüística que esboça novas realidades²⁰. Por outro lado, as palavras poderão se associar mais ao desacordo do que propriamente ao consenso, como as representações construídas ao longo do século XIX acerca do desenvolvimento urbano da cidade de Vitória. Desta forma, nos discursos de reformadores

que se envolveram em modificações na zona portuária ou dos que pretenderam retirar o porto da região central, uma série de diferentes imagens se alternaram acerca de regiões dos mangues. De espaço da morte, da putrefação e da decomposição o mangue se transforma em região valorizada identificada com a cultura indígena e com um espaço possível de gerar a vida²¹.

Notas

- 1 BRESCIANI, Stella. Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950). In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 343-366.
- 2 FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 10.
- 3 BRESCIANI, Stella. Apresentação. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 13.
- 4 Idem. p. 15.
- 5 Depaule, Jean-Charles & Topalov, Christian. A cidade através de suas palavras. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 20.
- 6 SOUZA, Célia Ferraz de. O sentido das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público). In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 138-139.
- 7 CARIDE, Horacio E. O polvo, a mancha e a megalópole. O urbanismo como representação, Buenos Aires, 1927-1988. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 55.
- 8 Idem. p. 63.
- 9 Idem p. 72.
- 10 LEME, Maria Cristina da Silva. Urbanismo: a formação de um conhecimento e de uma atuação profissional. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 77-93.
- 11 PESAVENTO, Sandra Jatahy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 97-99, 115.
- 12 LIRA, José Tavares Correia de. Freguesias morais e geometria do espaço urbano. O léxico das divisões e a história da cidade do Recife. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 160, 161.
- 13 MACHADO, Maria Salete Kern. O imaginário urbano. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 213- 216.
- 14 Idem. p. 216, 217 e 224.
- 15 GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia das palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 227-260.
- 16 PEREIRA, Paulo César Xavier. Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e de pensar as cidades. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 261-284.
- 17 FERRARA, Lucrecia D'Alessio Ferrara. A construção do Império. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 285- 302.
- 18 Ramón J., Gabriel. Com a pátria nas paredes. A regularização da nomenclatura urbana de Lima (1861). In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 121-125.
- 19 Rivière d'Arc, Hélène. Linguagem internacional e técnica sobre a cidade: qual o consenso com a linguagem popular? Exemplos nas cidades brasileiras e mexicanas. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 305-307.
- 20 FERNANDES, Ana. Consenso sobre a cidade? In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 317.
- 21 LOPES, Myriam Bahia. Representações de uma ilha portuária. In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da Cidade. Op. Cit. p. 329-330.